

Práticas de comunicação social na caminhada missionária de organismos e pastorais

Cecília Soares de PAIVA

Resumo: Este artigo, produzido para o Mutirão de Comunicação América Latina e Caribe, no eixo temático “Novos cenários políticos e sociais latino-americanos e os processos de comunicação”, tem por objetivo refletir sobre a aplicação do método ver-julgar-agir utilizado pela Igreja Católica para debater vivências, confrontá-las com outros aspectos e propor novas práticas de comunicação em comunidades. O levantamento histórico e a elucidação de sua fundamentação metodológica possibilitaram sua aplicação, contribuindo para a gestão da comunicação e da informação na caminhada de grupo missionário do Estado de Mato Grosso do Sul, o COMIRE, rumo aos congressos missionários realizados em 2008.

Palavras-chave: Gestão, **ver-julgar-agir**, **conselhos missionários**, **pastorais**.

Siglas e abreviaturas¹

2º CMN: 2º Congresso Missionário Nacional

CAM 3-Comla 8: 3º Congresso Missionário Americano e 8º Congresso Missionário Latino-Americano

CCM: Centro Cultural Missionário

CEBs: Comunidades Eclesiais de Base

CELAM: Conselho Episcopal Latino-americano e do Caribe

CIMI: Conselho Indigenista Missionário

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

COMINA: Conselho Missionário Nacional

COMIRE: Conselho Missionário Regional Oeste 1

COMIDI: Conselho Missionários Diocesano

COMIPA: Conselho Missionário Paroquial

CRB: Conferências dos Religiosos do Brasil

DA: Documento de Aparecida

O 1 – Oeste 1

MS: Mato Grosso do Sul

PBE: Pastoral dos Brasileiros no Exterior

POM: Pontifícias Obras Missionárias

Introdução

A comunicação social na Igreja Católica caminha por entre dois aspectos ou pólos temporais: o tempo empregado em oração e meditação e o tempo da pressa midiática das novas tecnologias que exigem na mensagem, todo o seu conteúdo em uma única manchete. Entre os inúmeros meios utilizados pela Igreja, tais como *sites*, *blogs*, revistas, boletins, redes internas e externas, *e-mails*, sistemas *on-line* de relacionamentos, formatos e sistemas de

¹ As siglas acompanham o formato (caixa alta ou caixa baixa) conforme bibliografia consultada para este trabalho e consulta em *sites* dos organismos que representam.

comunicação é oportuno encontrar uma metodologia que favoreça o fluxo das informações e a melhor utilização dessas ferramentas nas comunidades.

Muitos são os documentos da Igreja sobre a importância de se fazer bom uso dos meios de comunicação na evangelização, desde a atual mensagem do papa Bento XVI para o 43º Dia Mundial das Comunicações, sobre as novas tecnologias, até a primeira encíclica a tratar dos meios de comunicação no século XX, promulgada pelo Papa Pio XI, em 1936, a *Vigilanti Cura*. Esse acompanhamento é tão importante que a Igreja criou, em 1948, o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais com a finalidade específica de seguir, ao longo dos anos, a sua evolução.

A Igreja atua em favor da evolução dos meios de comunicação, reconhecendo que por meio deles se renova o compromisso com seus fiéis. Com eles, comunicam-se novas direções pelos estudos, eventos e documentos elaborados a partir das práticas comunicacionais das comunidades. Em contrapartida, a prática cotidiana depende da compreensão e do discernimento dessas direções e decisões.

Conforme as características comunitárias, os direcionamentos e as inovações podem ser inseridos de maneira natural, de modo a serem apropriados para resolver as dificuldades locais. Nesse sentido, a experiência tratada neste artigo refere-se ao estímulo à reflexão e à ação provocado pelo método ver-julgar-agir na caminhada do Conselho Missionário Regional (COMIRE), organismo da Igreja em Mato Grosso do Sul, rumo aos congressos missionários realizados em 2008.

Na elucidação sobre as dificuldades individuais e comunitárias, buscou-se compreender quais os reflexos como grupo de atuação e de representação da Igreja local, objetivando julgar as ações e as reações com base nas diretrizes propostas nos documentos.

Dessas reflexões, os esforços foram intensificados para a conquista de melhorias, ampliando a capacidade de discernimento e compreensão, buscando equilíbrio entre as diretrizes gerais e os anseios de cada componente e de sua participação como Igreja.

Meios de comunicação como reflexo do mundo e da época

Comunicadores atuantes nas pastorais e movimentos na Igreja lidam com situações diversas e inesperadas e se angustiam por soluções imediatas. Na pressa, consideram os documentos e as propostas da Igreja Católica um tanto longe da realidade de suas comunidades, quando na verdade, há singularidades e indicações capazes de fundamentar uma gestão de comunicação adequada às características locais e regionais e às diversidades cotidianas.

Estudos e documentos comprovam o acompanhamento da Igreja sobre a evolução da comunicação, tanto que foi a primeira a oficializar o termo “comunicação social” pelo *Inter Mirifica*, decreto de 4 de dezembro de 1963, sobre os meios de comunicação social do Concílio Vaticano II.

Com este decreto do Concílio criou-se uma nova terminologia na expressão “comunicação social”. A comissão preparatória considerou que expressões como “técnicas de difusão”, “instrumentos audiovisuais”, “*mass media*” ou “comunicação de massa”, não exprimiam adequadamente as preocupações, os desejos e as perspectivas da Igreja. A comunicação não pode reduzir-se a simples instrumentos técnicos de transmissão, mas deve ser considerada como um processo entre os homens (DARIVA, 2003, p.68).

Além de expressar com clareza o incentivo à capacitação profissional por clérigos e leigos, foi por meio desse documento que os instrumentos de transmissão deixaram de ser simples processos técnicos para serem reconhecidos, oficialmente, pela sua dimensão de processo social (2003, p.68).

Pelo *Inter Mirifica* criou-se também o Dia Mundial das Comunicações, validando-o como referência para diretrizes futuras e propostas que se refletem nos dias de hoje. Para esse dia, divulga-se “tanto o texto preparado pelo Pontifício Conselho quanto a Mensagem do Santo Padre” (CNBB, 1994, p.25). Dessa forma, fundamentou-se um processo de acompanhamento por meio dessas mensagens anuais em que se ponderam as transformações e os efeitos da comunicação social no mundo e em relação à Igreja, preocupando-se com os efeitos dos meios de comunicação, os quais podem, em alguns momentos, serem “um reflexo do mundo e da época”, conforme define Herbolato (1982, p.111).

Especificações mais aprofundadas e diretrizes podem ser encontradas ao longo da história em relação à comunicação social católica, no entanto, para definir uma gestão nessa área deve-se considerar todas as dimensões que compõem a Igreja.

Assim como se deve ater-se aos acontecimentos referentes à realidade de atuação, os comunicadores devem levar em conta o que está sendo proposto para toda a Igreja, pois buscam a unificação de ações e possibilitam a eliminação de angústias no cotidiano. A exemplo das decisões de dimensão eclesial, essas proveem de estudos e encontros que abrangem a multiplicidade cultural de uma unidade territorial.

Os eventos promovidos pelo Conselho Episcopal Latino-americano e do Caribe (CELAM) são contribuintes diretos para as bases políticas de um serviço de comunicação preocupado com o respeito às diversidades culturais. Com ênfase na realidade latino-americana, as conferências realizadas pelo CELAM sempre resultaram em documentos que são frutos das reflexões das vivências comunitárias. As teorizações e referências documentais da Igreja na América Latina encontram-se, geralmente, nas conclusões das Conferências do

CELAM, quais sejam: Rio de Janeiro (1955), Medellín – Colômbia (1968), Puebla – México (1979), Santo Domingo – República Dominicana (1992) e Aparecida (2007).

As contribuições são coletadas com antecedência no seio das comunidades e primeiro compõem o chamado Documento de Participação. Essas contribuições são refletidas e formalizadas nos documentos finais das conferências. Assim ocorreu com a V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe na cidade de Aparecida, em São Paulo. O Documento de Aparecida (DA) contém, entre outras dimensões cristãs, a fé prática, os valores históricos, os desafios, as tarefas e prioridades e o redescobrimto da alegria de ser cristão. Preocupa-se com a formação de discípulos missionários e convida a encontrar Jesus Cristo por meio da alegria.

Nesta hora em que renovamos a esperança, queremos fazer nossas as palavras de SS. Bento XVI no início de seu Pontificado, fazendo eco a seu predecessor, o Servo de Deus, João Paulo II, e proclamá-las para toda a América Latina: Não temam! Abram, abram de par em par as portas a Cristo!... quem deixa Cristo entrar não perde nada, nada – absolutamente nada – do que faz a vida livre, bela e grande. Não! Só com esta amizade abrem-se as portas da vida. Só com esta amizade abrem-se realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só com esta amizade experimentamos o que é belo e o que nos liberta... Não tenham medo de Cristo! Ele não tira nada e nos dá tudo. Quem se dá a Ele, recebe cem por um. Sim, abram, abram de par em par as portas a Cristo e encontrarão a verdadeira vida (DA 15).

Os documentos do CELAM fazem referência direta aos meios de comunicação desde a primeira conferência no Rio de Janeiro, no entanto, a de Aparecida torna-se importante pela abordagem das dimensões todas que envolvem o ser humano, a preocupação com a formação cristã missionária (DA 280) e a interferência dos meios de comunicação social na Igreja (DA 39).

O CELAM unifica e ratifica o processo de continuidade nas reflexões relacionadas à Igreja no continente evidenciando a coesão e a continuidade das afirmações episcopais. Esse caminho somado às vivências do momento contribui para possíveis mudanças locais.

De modo geral, os documentos, opções e eventos fundamentam a atuação da comunicação nas pastorais e organismos por serem frutos da caminhada já percorrida, cooperando para a unificação das comunidades. A instrução pastoral conclamada sobre os meios de comunicação social é trazê-los próximos a si de forma responsável, utilizando-os para a promoção da dignidade humana, de acordo com os preceitos de Cristo.

Por uma metodologia favorável à gestão da comunicação social

O ver-julgar-agir foi o método utilizado para as reflexões relativas à V Conferência do CELAM, contribuindo para identificar, planejar e assumir novas propostas.

Esse método pode também ser observado nas Campanhas da Fraternidade organizadas pela CNBB e nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), além de outras dimensões pastorais. Foi fortalecido na década de 1960 pelas CEBs e Teologia da Libertação, e pela própria busca de renovação pastoral da Igreja no Brasil, quando esta lança, por meio da CNBB, o “Plano de Pastoral de Conjunto” (1966-1970). Para a época

O Plano de Pastoral de Conjunto, aprovado para vigor por cinco anos, foi o principal instrumento que a CNBB teve em mãos para concretizar o seu serviço eclesial. A Ação Católica deixou como herança positiva a metodologia do ver-julgar-agir, aperfeiçoada por novos protagonistas. Planejar a ação não era apenas uma questão de técnica. Estava em jogo a operacionalização de um dos grandes desafios do Concílio Vaticano II: aproximar, sempre mais, a fé e a vida humana em toda sua realidade (STEIN, 2004, P. 57).

Segundo Andrade (1991, p.122-123) esse método surgiu na Europa e foi inicialmente utilizado no Brasil no final da década de 1940 pela Ação Católica, (Juventude Operária Católica, Juventude Agrária Católica, Juventude Estudantil Católica, Juventude Universitária Católica). Foi divulgado pelo padre belga José Cardijn que, ligado à classe operária, fundou a Juventude Operária Católica.

Cardijn “era de natureza intensamente militante e ativa” (BIRCK, 1977, p.27) e por um período de sua vida, estudou no Instituto de Ciências Políticas e Sociais da Universidade de Lovaina, com um programa que incluía a coleta de dados concretos na realidade social.

A alma desta nova linha de pesquisas era o professor Victor Brants, que interessado pelos problemas morais da economia social, iniciou seus alunos no método dos levantamentos e inquéritos sociais. Assim os alunos eram levados à realidade da vida social através das visitas às fábricas e aos bairros operários. No seu programa constavam também viagens e pesquisas pessoais de cada aluno (BIRCK, 1977, p.32).

As viagens de pesquisa levaram Cardijn a guiar-se por uma linha de raciocínio baseada em primeiro observar e ver para que depois, pudesse julgar e agir de forma cuidadosa, caracterizando o método de sua ação apostólica: “Tudo isso já revela a sua linha de ação, que mais tarde expressará através da célebre trilogia – ver, julgar e agir” (BIRCK, 1977, p.33).

Nas atuações em comunidades, tanto na Europa quanto por ocasião de sua atuação no Brasil, Cardijn tinha por objetivo fazer com que os jovens trabalhadores tivessem conhecimento e fossem sensíveis à própria realidade, despertando-os para ações em círculos de estudos. Para Cardijn

Um círculo de estudos, diz ele, não é uma classe de aula, onde um é o professor e os outros se portam como alunos. Tampouco é uma reunião, em que se fala um e os outros apenas escutam. Mas o círculo de estudos deve ser verdadeiramente uma “cooperativa de produção”, na qual todos trazem suas idéias, suas observações, suas

apreciações, seus pareceres e sobretudo a sua convicção pessoal, seu zelo, seu entusiasmo, seu desejo de apostolado e suas possibilidades de ação.

Toda pessoa que tem coração e espírito aberto às idéias e aos fatos sociais, observa, constata, fixa e reflete. O fruto destas observações, destas constatações e reflexões é que constitui o que chamo de “ciência pessoal”, incomparavelmente mais rica e mais fecunda do que a ciência dos livros é a ciência de “ouvir dizer” (CARDIJN 1917, apud BIRCK, 1977, p.48-49).

Cardijn incluía sentidos por meio da doutrina de Cristo, ressaltando a autonomia e a importância da vida social pelo campo espiritual, conduzindo os jovens à participação comunitária, transformando a vida das pessoas pela “união com Cristo” (BIRCK, 1977, p.49-50 e p.52).

Seus escritos e convicções propagaram-se por meio de sua prática, acreditando e fortalecendo o trabalho dos leigos na Igreja pelo método que vivenciou ao longo de sua vida.

Ao longo do tempo, o ver-julgar-agir desenvolvido por Cardijn acabou por favorecer sua utilização como método de análise pastoral:

O uso continuado de tal método em documentos do Magistério, como Medellín, Puebla, a Instrução Vaticana *Libertatis conscientia* e a Encíclica *Sollicitudo rei socialis*, acabou por legitimar indubiamente este método ao menos como método pertinente para a análise pastoral (ANDRADE, 1991, p.123).

O método ver-julgar-agir possibilita fazer reflexões para debater as vivências, confrontá-las com outros aspectos para então, atentar a situações por vezes imperceptíveis ou ainda fundamentar novas práticas locais. Manifesta-se como uma metodologia capaz de favorecer diretrizes para a atuação de organismos e pastorais da Igreja, a exemplo das pastorais de comunicação existentes no Brasil.

Nos fundamentos sobre pesquisas de comunicação, encontramos essa metodologia nos estudos de pesquisa participante, a qual “consiste na *inserção* do pesquisador no *ambiente natural* de ocorrência do fenômeno e de sua *interação* com a situação investigada” (PERUZZO, in DUARTE e BARROS, 2005, p. 125).²

Conforme Peruzzo, há mais de uma modalidade de pesquisa participante. A autora cita a pesquisa participante propriamente dita, a de observação participante e a pesquisa-ação (PERUZZO, in DUARTE e BARROS, 2005, p. 126).

Para um dos grandes pesquisadores dessa modalidade:

A pesquisa-ação ou qualquer outro termo que designa um comparável método de sociologia aplicada justificar-se-á sempre que houver problemas sociais que merecem investigação e formulação de ações coletivas, com objetivos de consciência e comprometimento na busca de solução (THIOLLENT, 1997, p. 29).

Todas elas são modalidades possíveis de serem utilizadas, todavia, a pesquisa-ação é a modalidade que melhor se adéqua ao método ver-julgar-agir pela aceitação do

² Destaques em itálico pelo autor.

vínculo do pesquisador em todas as suas etapas. Nesse sentido, a utilização na gestão da comunicação nas pastorais e movimentos se justifica, pois, geralmente, será desenvolvida por lideranças ou pessoas comprometidas em um grupo ou situação, conhecedoras das características e dos processos de interação capaz de promover melhorias no seu ambiente.

É uma possibilidade metodológica cuja decisão depende do recorte e da delimitação da pesquisa. Para o campo da comunicação social na Igreja, essa escolha exige cuidados nas delimitações. Nesse sentido Thiollent alerta: “tudo o que é chamado pesquisa participante não é pesquisa-ação” (2003, p.15) e ainda, esclarece:

Isso porque pesquisa participante é, em alguns casos, um tipo de pesquisa baseado numa metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada com o intuito de serem melhor aceitos. Nesse caso, a participação é sobretudo participação dos pesquisadores e consiste em aparente identificação com os valores e os comportamentos que são necessários para a sua aceitação pelo grupo considerado. [...]Para que não haja ambigüidade, uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação (THIOLLENT, 2003, p.15).

Utilizar a pesquisa-ação justifica-se quando se exerce papel ativo diante dos fatos observados e se tem a prévia definição sobre qual ação está envolvido o pesquisador. De acordo com Thiollent “quais são seus agentes, seus objetivos e obstáculos e, por outro lado, qual a exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação” (THIOLLENT, 2003, p.16).

Nesse caso, ao comunicador recai a responsabilidade das intervenções provocadas como pesquisador, devendo esse se revestir de ações provenientes da auto-reflexão e da conscientização por quaisquer alterações que venham a ocorrer.

A respeito do componente específico da comunicação, julgamos a necessidade, daquele que se chama convencionalmente de comunicador, de refletir sobre a sua própria identidade, seja enquanto sujeito político, seja enquanto ser implicado por um conhecimento científico e uma ferramenta teórico-ideológica, que o suscita muitas vezes muito mais a uma atitude messiânica de certeza, face ao meio em si, do que a suspeita e a desconfiança. Assim, ainda que falante, ele é falado por um corpo de conhecimento (MARQUES DE MELO, 1989, p.143).

Ao inserir-se na vivência de determinado grupo, o comunicador carrega consigo as suas referências pessoais e profissionais, tal como todo sujeito. Devido a sua formação, é mister compreender determinados processos comunicacionais que o tornam responsável pela busca de soluções inerentes ao grupo quando esse necessita.

No caso de participação em movimentos e pastorais, o método ver-julgar-agir insere-se em seu cotidiano de maneira natural por ser uma metodologia utilizada e exemplificada nas atuais propostas da Igreja, sendo uma prática amoldável para compor um plano ou atingir propósitos de comunicação.

Espaço de reflexão

Aos poucos se evidencia a utilização do ver-julgar-agir como método de discussões em encontros das comunidades, paróquias e regionais. Todavia, a sua utilização ainda se restringe às reflexões sobre os documentos e campanhas que pedem claramente a sua aplicação.

E quanto à utilização do ver-julgar-agir na gestão da comunicação social dos veículos, pastorais e organismos da Igreja?

Ao questionar sobre como nos vemos, julgamos e agimos diante dos serviços de comunicação social, é preciso atentar para a realidade quanto à diversidade dos instrumentos e da utilização de meios tecnológicos que se inserem no cotidiano e oscilam entre pouco e/ou mal utilizados nas paróquias e comunidades.

Essa análise conduz às reflexões acerca da composição do fluxo das informações locais e nacionais, incluindo que veículos e quais produções afetam direta ou indiretamente a realidade que se vive.

São constatações que devem observar como tal fluxo reflete em ambas as dimensões: do local para o geral, e do geral para o local, de forma que se busque favorecer a troca de experiência e a reflexão das realidades regionais/comunitárias, num composto entre fluxos da informação, incentivando a proposição e o cumprimento de objetivos a serem cumpridos, além de ações rotineiras de avaliação.

Questionamentos e reflexões acerca do método ver-julgar-agir na comunicação devem contribuir para a formulação de diretrizes de gestão de comunicação, as quais conduzam ao desenvolvimento de ações capazes de desencadear processos espontâneos de comunicação.

Reflexões e partilha regionais rumo aos congressos missionários

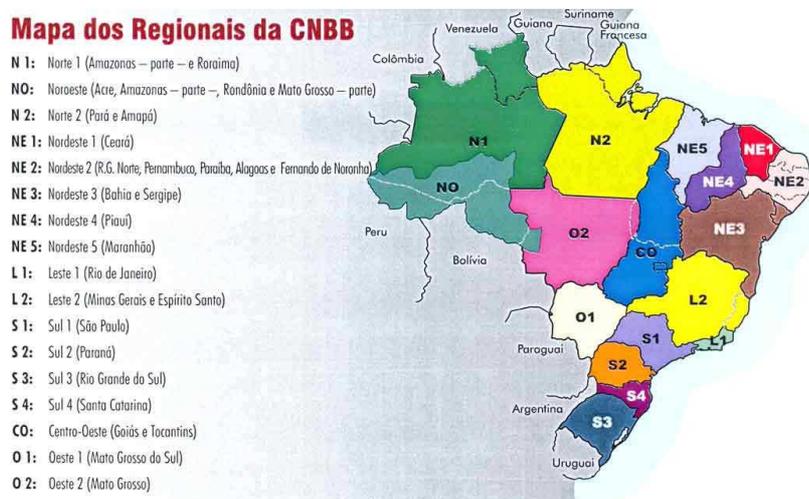
Entre as diversas comissões, pastorais e organismos existentes na Igreja Católica no Brasil, existe o Conselho Missionário Nacional (COMINA), organismo composto pelos bispos responsáveis e pelos assessores da dimensão missionária da CNBB, além de diretores das Pontifícias Obras Missionárias (POM) e do Centro Cultural Missionário (CCM); presidentes das Conferências dos Religiosos do Brasil (CRB); representante do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e da Pastoral dos Brasileiros no Exterior (PBE);

coordenadores dos Conselhos Missionários Regionais (COMIREs) e representante de institutos missionários, de associações missionárias e da imprensa missionária.³

Os COMIREs compõem-se por representantes de comissões, pastorais, organismos diocesanos e representantes dos Conselhos Missionários Diocesanos, COMIDIS. Por sua vez, os COMIDIS compõem-se por representantes oriundos do Conselho Missionário Paroquial, COMIPA e outros conselhos específicos, como o de seminaristas, por exemplo.

Em relação aos COMIREs, esses se organizam e atuam em consonância com a subdivisão eclesial da CNBB, demarcando as dioceses e arquidioceses de todo o Brasil em regionais. Atualmente são 17 regionais.

Ilustração 1 - Mapa de atuação eclesial da CNBB (Arquivo: CNBB)



O Regional Oeste 1 da CNBB, ou O 1, abrange todo o Estado de Mato Grosso do Sul (MS), compondo-se pela arquidiocese de Campo Grande e as dioceses de Corumbá, Coxim, Dourados, Jardim e Três Lagoas. O COMIRE em MS possui regulamento próprio e utiliza, em seus artigos, a denominação simplificada de COMIRE. É formado por representantes da dimensão missionária das dioceses e institutos religiosos, entre consagrados e leigos atuantes no Regional.

Devido ao envolvimento direto nesse conselho missionário, foi possível acompanhar e desenvolver ações a partir do método ver-julgar-agir, relacionando o trabalho de comunicação social à participação nos eventos realizados em 2008, quais sejam o 2º Congresso Missionário Nacional (2º CMN), em Aparecida e Guaratinguetá, e o 3º Congresso Missionário Americano e 8º Congresso Missionário Latino-Americano (CAM 3-Comla 8), de 12 a 17 de agosto de 2008, em Quito, Equador.

³ Informações contidas em anotações e documentos de acervo do COMIRE Oeste 1. Também disponíveis em: [http://www.cnbb.org.br/ns/modules/mastop_publish/?tac=O_que_%E9_o_Comina%3F&busca\[\]=conselhos](http://www.cnbb.org.br/ns/modules/mastop_publish/?tac=O_que_%E9_o_Comina%3F&busca[]=conselhos), acesso: 25 mai. 2009.

Ilustração 2 – Banner produzido para identificação do Grupo em Aparecida (Foto: COMIRE).

A fase preparatória para a participação no 2º CMN foi composta por assembleias, encontros e reflexões sobre a realidade de cada diocese, paróquia e comunidade, com base no Documento de Aparecida e sob as orientações da organização do congresso para os conselhos regionais, denominado Instrumento de Trabalho do Congresso, o qual definia as atividades e normas do COMINA.

O objetivo era avaliar e elaborar propostas com base no método ver-julgar-agir para elucidar e apresentar as características da Igreja em Mato Grosso do Sul. As reflexões traçariam um desenho da Igreja local a ser apresentado nesse evento nacional, para enfim compor, com os outros regionais, a caminhada da Igreja no Brasil a ser compartilhada no CAM 3-Comla 8, em Quito, Equador.

Pelo limite de vagas para cada regional, o COMIRE organizou uma delegação de 20 integrantes representativos, intensificando encontros permeados de expectativas pelo senso de partilha e pelo comprometimento de serem representantes de um lugar. Compromisso de irem para a troca de experiências e anseios com a Igreja de todo o Brasil e voltarem com a missão de comunicar o conteúdo do congresso com suas comunidades. Os critérios de participação foram estabelecidos em assembleia geral, justificando no grupo, a inclusão de representante de comunicação social para a continuidade das ações já desencadeadas no grupo.

Representatividade da comunicação social no COMIRE

Uma das preocupações da Igreja Missionária apontada nas reuniões do COMIRE encontra-se na área da comunicação, especificamente em três pontos de discussão. O primeiro deles refere-se ao grau de envolvimento da Igreja no processo de informação sobre os acontecimentos em todas as áreas abrangidas pelo Regional. O segundo é referente à comunicação interna da Igreja, questionando o formato dos avisos dados nas celebrações, a acolhida entre as pessoas durante encontros, as visitas missionárias, e o trato diário entre os cristãos. O terceiro destaca a necessidade de superar o isolamento entre as pessoas nos trabalhos da Igreja. De acordo com os apontamentos e discussões ao longo da preparação para o 2º CMN foi observado que a comunhão e a troca de experiências fortalecem o caminho para



a missão além fronteiras ou *ad gentes* (para fora da comunidade), despertando para a solidariedade universal e eliminando individualismos.

Nesse sentido, a contribuição como representante da comunicação social no COMIRE foi cooperar com essas discussões e reflexões e, partindo das preocupações do grupo, gerenciar o fluxo da informação relacionada aos congressos missionários, transmitindo as ações e a caminhada do grupo em suas indagações e preocupações.

A participação no COMIRE refere-se à representatividade como imprensa missionária do Oeste 1, por consequência de ações desenvolvidas em pastorais de comunicação. Esse envolvimento está em consonância com o pensamento de Habermas quando reflete sobre o agir comunicativo e do “engajamento inevitável no processo do entendimento mútuo” (HABERMAS, 1989, p.46 e 167). Engajamento esse permeado pela escuta de experiências e por aventurar-se como parte da missão que alimenta e amplia a consciência de Igreja.

Agir comunicativo favorável à mediação da comunicação social

Na ação de mediação da comunicação, buscou-se favorecer a vontade geral como apregoada por Rousseau⁴ e, nesse caso, em prol do corpo coletivo delimitado como “comunidades missionárias e seus discípulos-missionários dispostos a atuar na missão”, conforme entendido pelos componentes diante da expectativa da caminhada rumo ao 2º CMN.

Corpo coletivo esse referente à delegação Oeste 1, sendo cada um dos seus 20 delegados representantes da realidade da missão local. Ao unirem-se aos demais regionais, representariam o Brasil inteiro, formando a soma das contribuições de todo o País para o CAM3 – Comla8, evento Latino-Americano e Caribe ocorrido de 12 a 17 de agosto de 2008. Depois regressariam às dioceses para transformar a Igreja “Do Brasil de Batizados ao Brasil de Discípulos Missionários Sem-Fronteiras”, conforme o tema do 2º CMN⁵.

Componente dessa delegação, crença e conhecimento unificaram a dimensão pessoal com a proposta do grupo, favorecendo cumprir o papel de comunicador diante das narrativas sobre os fatos históricos e sobre a evolução das dioceses de origem dos outros

⁴ Rousseau apresenta suas reflexões sobre a vontade geral e a legitimação do interesse comum, em que o sujeito atua socialmente em fraternidade e igualdade de ideais (ROUSSEAU, 1978, p.43-66).

⁵ A preparação para os congressos missionários teve-se ao estudo do Documento de Aparecida e em consonância com os temas e lemas expressos no material de divulgação para cada evento. O tema do 2º CMN: Do Brasil de Batizados ao Brasil de Discípulos-Missionários Sem-Fronteiras, e o lema: Igreja no Brasil: Escuta, Segue e Anuncia. O tema do CAM 3-Comla 8: A Igreja em Discipulado Missionário, e o lema: América com Cristo, Escuta, Aprende e Anuncia.

delegados, bem como nos eventos e ações desencadeadas pela Igreja no Brasil que escuta, segue e anuncia (alusão ao lema do 2º CMN: Igreja no Brasil – escuta, segue e anuncia).

Por essa atuação de comunicação, o COMIRE manteve estreita ligação com a equipe da Revista Missões, concretizando o fluxo da comunicação entre o regional e os acontecimentos nacionais, principalmente em relação ao fluxo da informação, com notícias publicadas tanto no *site* quanto na revista impressa. Quanto à parte relacional, foi proposto e realizado encontro preparatório da delegação sob a assessoria de Jaime Carlos Patias, IMC⁶, representante da Comissão de Preparação do 2º Congresso Missionário Nacional e diretor da Revista Missões.

Durante a caminhada, fortaleceu-se no grupo o desejo de completude humana, *ad gentes* e além-fronteiras, possibilitando a condução de fluxos informacionais e de relacionamento⁷, motivando prosseguir em ações que deram sentido à comunicação como ato de interação planejada e espontânea.

Igreja no Brasil: escuta, segue e anuncia

A Revista Missões foi a principal articuladora das ações de comunicação relativas aos congressos missionários que envolveram o Brasil em 2008, sendo fonte emissora e receptora do fluxo da informação antes, durante e depois da realização dos eventos. Foi criada uma página da Internet hospedada no *site* da Revista Missões e específica para cada evento.⁸ Em relação ao 2º CMN, a direção da revista fez a assessoria de imprensa, intensificando sua atuação durante os dias em que todas as delegações estiveram em Aparecida e Guaratinguetá para escutar, seguir e anunciar a Igreja no Brasil.

Nesse ínterim, já estavam envolvidos outros organismos de comunicação como a Revista Mundo e Missão, a assessoria de imprensa da CNBB, o portal Catoliconet e algumas pastorais e regionais que colaboravam com informações sobre o processo preparatório do 2º CMN em seus locais de atuação. Dessa forma foi possível antever situações e planejar a cobertura do evento, propondo-se a união de esforços dos comunicadores que iriam ao Congresso e estavam envolvidos na caminhada missionária e nos conselhos missionários.

Sob articulação da Revista Missões, surgiu assim, o grupo de atuação para a cobertura do congresso missionário de Aparecida, somando oito pessoas, entre o diretor da

⁶ Instituto Missionário da Consolata.

⁷ De acordo com OLIVEIRA e PAULA (2007, p.21), os processos comunicacionais se estabelecem a partir dos fluxos informacionais e relacionais, sendo os informacionais relativos à veiculação da informação e os relacionais, as oportunidades de interação e encontro entre as pessoas.

⁸ As páginas podem ser acessadas no *site* da Revista Missões, no *link* Eventos. Disponível em: <http://www.revistamissoes.org.br>. Acesso em: 24 abr. 2009.

Revista Missões Jaime Carlos Patias, o assessor de comunicação da CNBB Geraldo Martins; o diretor da Revista Mundo e Missões Pedro Facci; Suely Silva e Belchior Antonio do portal Catoliconet; Renato Papis do Regional Sul 1 (São Paulo), Karla Maria da Pastoral de Comunicação de Brasilândia (São Paulo) e por esta subscritora, do COMIRE.

O grupo ficou responsável pela assessoria de comunicação social do evento e por serviços correlatos que a comunicação requer de seus interlocutores, responsabilizando-se pela divulgação e a coordenação dos atos comunicacionais, intercalando as funções de cada componente em acompanhar o evento como representante de suas origens organizacionais e contribuir na produção informativa do *site* criado para o 2º CMN e hospedado no portal da Revista Missões. Incluía também fazer o atendimento à imprensa, emitir boletins e relises, organizar coletivas e entrevistas para os meios de comunicação setorializados e gerais, os quais compareceram motivados pelo sistema de divulgação da assessoria.

A cobertura do 2º CMN, ocorrido de 1º a 4 de maio de 2008, motivou intensa atuação entre a Basílica, a Sala de Imprensa do Santuário e a sala reservada à imprensa no Colégio do Carmo, em Guaratinguetá. Logística em que a assessoria pode acompanhar as ações dos cerca de 600 participantes representando os 17 regionais da CNBB, seus conselhos missionários, grupos de animação, convidados e organismos missionários de todo o Brasil.⁹

No dia em que a Igreja de todo mundo celebrou o Domingo de Ascensão e o Dia Mundial das Comunicações houve o encerramento do 2º Congresso Missionário Nacional, com seus participantes em plenário ouvindo as conclusões expostas pelos assessores do Congresso, enquanto a equipe de assessoria fazia a cobertura, organizava entrevistas e coordenava a última coletiva do dia, finalizando assim os trabalhos de cobertura do evento.

Delegação brasileira em Quito: partilha missionária local e global

A dimensão missionária da comunicação foi vivenciada por essa experiência cujo ponto alto constituiu na união de esforços entre as equipes, incluindo o trabalho de composição das delegações e na participação específica dos comunicadores.

Direcionados para um bem comum, o retorno às comunidades foi como dar continuidade ao processo de partilha ocorrido entre os congressistas do 2º CMN oriundos de todos os lugares do Brasil.

⁹ Disponível em:

<<http://www.revistamissoes.org.br/quadro.php?url=http://www.revistamissoes.org.br/cam3/congresso.htm>>.

Acesso em: 24 abr. 2009.

A delegação de Mato Grosso do Sul desfez-se para que seus componentes prosseguissem em suas dioceses, paróquias e comunidades, agindo como multiplicadores do que assimilaram no Congresso.

Entre as ações posteriores, registramos dois acontecimentos de destaque em que duas paróquias de Campo Grande fizeram eventos onde comunicaram o conteúdo e a vivência do 2º CMN, desencadeando novos processos de partilha.

A programação incluiu testemunhos de atuação missionária além-fronteiras, narrativas sobre a caminhada percorrida pela Igreja e sobre a importância de seus congressos e documentos. A metodologia ver-julgar-agir foi naturalmente utilizada, ou seja, aplicada em diversos momentos da programação, compartilhando dúvidas, casos e opiniões, provocando reações espontâneas dos participantes.

Entre os delegados envolvidos nas atividades encontravam-se aqueles que se preparavam para o Congresso Americano Missionário em Quito, incluindo o representante da comunicação, que compunha também o grupo de imprensa para a cobertura nacional.

Ao incluir em sua delegação um representante da comunicação, o COMIRE inovou. Isso fez com que esse representante prosseguisse na delegação rumo ao evento de Quito, ocorrido entre os dias 12 e 17 de agosto de 2008. A delegação brasileira no CAM 3 – Comla 8 somou 140 delegados oriundos das diversas culturas do País fazendo com que fossem necessárias adequações proporcionais na metodologia de cobertura das suas atividades em Quito.

O mesmo método ver-julgar-agir utilizado na cobertura do 2º CMN em Aparecida foi também utilizado para a cobertura do congresso em Quito. De volta ao Brasil, os delegados dispersaram-se como delegação e retornaram aos seus locais de atuação, comprometidos com a partilha das experiências e do aprendizado proporcionado pelas delegações de toda a América.

Conclusão

A atuação da comunicação em favor da caminhada do COMIRE rumo aos congressos missionários de 2008 obteve desfechos positivos, comprovando que o método ver-julgar-agir pode ser aplicado tanto nas ações comunitárias, quanto na fundamentação metodológica para a gestão da comunicação em eventos dessa natureza. Para este caso, a base metodológica sustentou-se na pesquisa-ação, a qual permitiu o incitamento e a provocação de reações, bem como concebeu certo controle às reações inesperadas ou resultados imprevistos.

Para a questão de como nos vemos, julgamos e agimos diante dos serviços de comunicação social, atentamos para a realidade de cada componente e verificamos as possibilidades de interação e de melhor utilização dos meios tecnológicos. Nas discussões do grupo, a abordagem sobre os formatos e as novas tecnologias dirimiu dúvidas e aumentou as possibilidades de utilização como instrumentos de propagação da fé.

Ao longo da convivência como delegação, tanto nos encontros locais quanto nas ações com outros regionais, foram concebidas novas expectativas para as ações cotidianas. De acordo com a reflexão da delegação, a troca de experiência e a elaboração de ações conjuntas realçaram maior percepção tanto em relação ao próprio trabalho, quanto na compreensão das ações e interpretações das diferentes culturas.

Essa percepção estendeu-se às ações de comunicação social, provocando maior interação com os meios de comunicação. A comunicação de mão dupla foi concretizada com a caminhada rumo aos congressos missionários, abrindo caminho para que, no cotidiano dos componentes do COMIRE, o fluxo das informações locais e nacionais continue a ser efetivado.

A aproximação com os meios de comunicação dirigidos para a temática da missão, incluindo a convivência com os seus responsáveis, sensibilizou para a qualidade da informação e para a compreensão de como utilizar tais meios. Sejam impressos ou de características virtuais, o conteúdo desses meios era reflexo dos acontecimentos participativos e canais de disseminação de atividades locais. Com isso, a maioria do grupo inseriu, em sua realidade comunitária, tais veículos como subsídios de leitura e de reflexão.

Com evidência para o Documento de Aparecida, diretriz dos encontros missionários, a caminhada do grupo ateu-se em descobrir e desencadear processos de melhoria participativa, numa consonância entre a realidade local e a sua manifestação representativa. A troca informativa e relacional provocou maior fluxo da comunicação e da informação. Dessa experiência, os componentes do grupo tiveram maior discernimento para utilização de documentos e instrumentos de comunicação para seus trabalhos de evangelização, desencadeando processos como agentes de propagação da missão.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. **Fé e Eficácia: O Uso da Sociologia na Teologia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1991.

BIRCK, Afonso José. **Um Mundo a Construir: O Apostolado dos leigos no pensamento de J. Cardijn**. São Paulo: Loyola, 1977.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. **Documento de Aparecida**, por ocasião da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. São Paulo: CELAM, Aparecida, 2007.

CONSELHO MISSIONÁRIO REGIONAL. **Regulamento do Conselho Missionário Regional Oeste 1 da CNBB Oeste 1**. Assembléia Geral de 5 de dezembro de 2008. Campo Grande: Regional Oeste 1 da CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comissões, Pastorais, Organismos**. Brasília, 2009. Disponível em: <[http://www.cnbb.org.br/ns/modules/mastop_publish/?tac=O_que_%E9_o_Comina%3F&busca\[\]=conselhos](http://www.cnbb.org.br/ns/modules/mastop_publish/?tac=O_que_%E9_o_Comina%3F&busca[]=conselhos)>. Acesso em 24 abr. 2009.

_____. **Comunicação e Igreja no Brasil**: Equipe de Reflexão do Setor de Comunicação da CNBB. São Paulo: Paulus, 1994.

DARIVA, Noemi (org.). **Comunicação Social**: Documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003.

ERBOLATO, Mário. **Deontologia da Comunicação Social**. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**, versão 5.11, correspondente à 3ª edição revista e atualizada do Aurélio Século XXI.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Maria Aparecida. **O que é comunicação estratégica nas organizações?** São Paulo: Paulus, 2007.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Observação participante e pesquisa-ação**. In DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

REVISTA MISSÕES. **Página do 2º CMN**. Disponível em: <<http://www.revistamissoes.org.br/quadro.php?url=http://www.revistamissoes.org.br/cam3/convengresso.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social**. São Paulo: Formar, 1980.

STEIN, Maria de Lourdes Tomio. **A Experiência do Trabalho**: As Práticas da Pastoral Operária em Curitiba (1965-1999). 2004, 200f. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004. Disponível em: <http://revista.unibrasil.com.br/index.php/retdu/article/view/22/41>. Acesso em: 24 abr. 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 12ª edição, 2003.